

redacção e administração
 boço d. maria. 2-2.º dir.
 composição e impressão
 tipografia sado
 propriedade do grupo editor «o filme»
 administrador: jacques t. da silva
 visado pela censura

tribuna

o filme

semanário de propaganda cinematográfica

director

editor

miguel manjúa

jacques t. da silva

falta de estímulo

Qualquer publicação cinematográfica que, pela primeira vez, aparece em Lisboa, ou no Porto, é acolhida carinhosamente, dispensando-se-lhe as maiores facilidades e regalias, a bem duma existência longa e fértilmente próspera. De todos os lados, chegam auxílios, por vezes espontâneos — dos exibidores, distribuidores e das indústrias de aparelhos fotográficos, filmicos e rádio-fónicos.

Decerto que ninguém ignora que são os anúncios o sustentáculo primordial, dominante, de todos e quaisquer periódicos, pois, que, sem eles, não lhes é possível uma vida desafogada ou duradoura.

E porque todos se compenetraram desta verdade, por isso não é difícil as revistas cinematográficas (e da imprensa desta índole que nos estamos ocupando) que se publicam em qualquer das duas principais cidades do país, nos exibirem — a nós, seus colegas — algumas páginas de publicidade, paga por centenas de escudos!

Contudo, se é certo que algumas dessas publicações têm baqueado, no termo dum curto espaço de tempo, após o seu advento, isso nunca foi originado por outros motivos que não as desinteligências crâssas dos seus orientadores — ou, então, por falta de congregação de esforços, pelo marasmo e indolência de apáticos. Só um caso esporádico, poderá destruir este sentenciado lógico que atraz criteriosa e desassombadamente deixamos escrito.

Mas, a gora falamos da imprensa cinéfila da provincia, actualmente apenas representada por este semanário.

Jornal de Cinema, Projecção, A Legenda, Cine-Jornal, Colipo-Cine, O Ecran, Filmagem, foram todas simplicas gazetas que propagaram as maravilhas da Sétima Arte e estimularam os interesses dos cinéfilos portugueses, albergando e discutindo ideias proveitosas para estes e para o Cinema. Já todos estes jornais expiraram, infelizmente, ao cabo duma existência curta e periclitante, não insenta de emumerissimos sacrificios, dissabôres amargos e penosos — que nós bem sabemos avaliar e compreender, pela experiência própria que d'isso há muito temos!...

Nas grandes capitais, poucas pessoas auxiliam uma iniciativa

(continua na 2ª página)

o único jornal da especialidade que se publica no país

john weissmuller

e o seu filme tarzan e a companheira

John Weissmuller, o másculo e hercúlio campeão de natação de há pouco, na grande América, é agora um dos mais célebres astros da Cinelândia. Nunca lhe criou tamanha popularidade, senão depois que a sorte o bafejou de forma a fazê-lo ingressar nos gigantescos studios da poderosa «Metro-Goldwyn-Mayer», em Hollywood. Quando simplesmente *recreou* a natação, John Weissmuller não era conhecido — de nome, bem entendido — sequer por metade das pessoas que hoje o admiram, mercê do cinema e da sua expansão. Quem o viu

no recente filme *Tarzan, o homem macaco*, não mais o esquecerá, por certo; mormente as cinéfilas, a quem causou viva impressão o inesperado aparecimento na tela dum actor com a compleição fisica de Weissmuller.

Tarzan, o homem macaco, que há poucos dias, ainda admirámos em *réprise*, no «Casino Setubalense», é sem dúvida um dos melhores filmes que do género temos visto surgir-nos ante os olhos.

Bastou este seu primeiro filme, para impôr Weissmuller ao prestígio internacional das mais sóbrias e severas plateias de quasi o Universo inteiro. Em Portugal, breve se tornou um ídolo das cinéfilas sonhadoras e românticas, que todos os seus retratos admiram, beijam e colecionam — como preciosa penhora ou reliquia de raro valor e estimação...

A «Metro-Goldwyn-Mayer», novamente contractou Weissmuller, para interpretar o principal papel duma pellicula de que estão quasi ultimadas as filmagens finais. Intitula-se *Tarzan e a companheira*.

Será este filme distribuído em Portugal pela agência da firma productora, estreando-se possivelmente no próximo mês de Setembro, no cinema Tivoli, de Lisboa.

Tarzan e a companheira, onde de novo apreciaremos o talento e o encanto plástico da tentadora e colente vedêta Maureen O'Sullivan, será, certamente, um dos maiores êxitos da futura temporada cinematográfica — isto a ajulzar pelas noticias que nos chegam do estrangeiro.

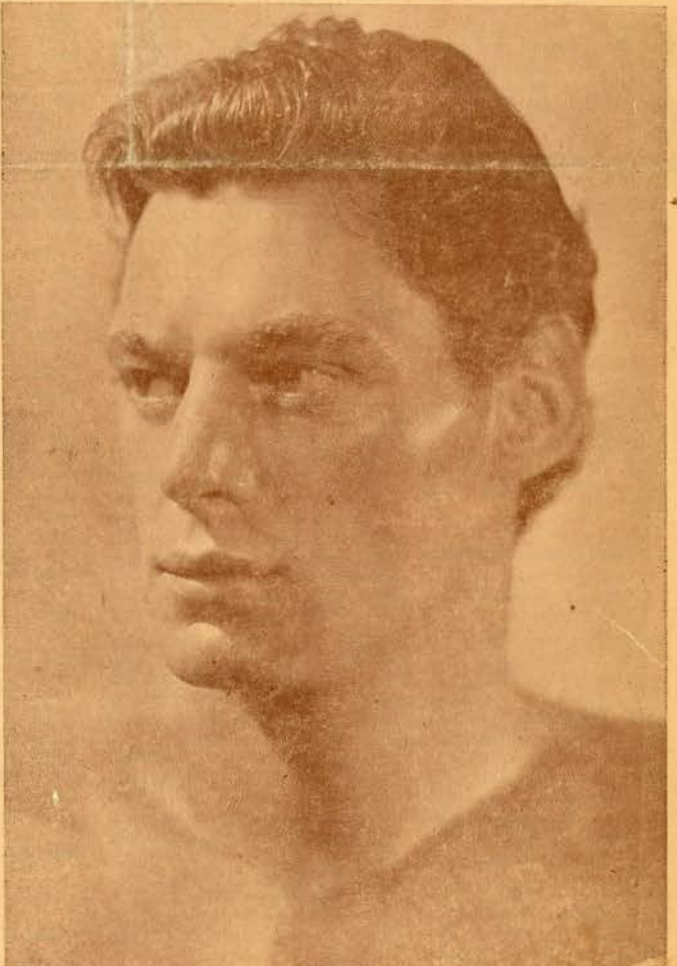


Foto M. G. M.

comentários reflexões a a mulher e consta que... a propósito... o propósito... o cinema

Dizer-se, como muitos moralistas têm dito, que o cinema é uma escola do crime, de perversão moral, que sugestionaria os espíritos fracos aos mais desgraçados cometimentos, tornou-se, com a continuidade incessante de repetição, um fastidioso logar-comum, na boca daquelles que, com a sua balôfa argumentação, pretendem endireitar o mundo...

Pois o sr. Júdice Bieker, no jornal «O Povo do Barreiro», faz idénticas afirmações, com o arrojo próprio de quem não teme as responsabilidades, talvez por julgar que ataca na sombra uma arte grandiosa.

Mas não; estamos nós aqui — alerta! E se ao sr. Bieker não exigimos satisfações da sua desolegante atitude, é só porque não costumamos gastar cêra com ruínas desfeitas, e tampouco esgrimir com as levandades alheias...

Na Página de Cinema do *vesperano* local, temos que nesse dia — 25 do passado mês — se comemorava o primeiro aniversário do aparecimento da revista.

Permita-nos o ilustre colega que nos lê, que semelhante homenagem sua, não corresponde a ser dada, porquanto a Página de Cinema, *«O Diário»*, foi iniciada em 1 de Maio de 1932. Era, portanto, dois anos o seu aparecimento.

Por o sr. Miguel Manjuz, nosso director, que no Setubalense a *«festa»*, arringando a *«avante setebalense»*. Depois, essa Página foi suspensa, reaparecendo no dia 25 de Maio de 1933, já então dirigida por três pessoas — entre as quais, o novo Director.

Assim, pois, que a referida homenagem comemorou um ano — mas não se esqueça...

Assim é que está certo!

da provincia, ainda que ela seja muito útil, simpática e townavel. E d'essa indiferença cruel, desse desdém escarvalho, revoltante e impregnado de veneno, que resulta a morte inglória e prematura das boas iniciativas criadas na capitaria provincia... Estão dentro d'este caso os jornais cinematográficos desaparecidos.

Também nós temos sido alvo da falta de estímulo das agências distribuidoras de filmes, das ca's representativas de aparelhos sonoros, máquinas de projecção e filmagem, bem como dos exhibidores, comércio e industria locais! Não obstante isso, com o precioso auxílio dos cinéfilos que compram ou assinam o filme, cá vamos vagando, com tenacidade, com persistência indomável, neste mar encapadíssimo de inéptias e indiferentíssimo, contra todas as procelas!

Não raras vezes, encontramos nas «crónicas» dos jornais que tratam de Cinema e Teatro, variadíssimos queixumes, duma e outra banda, por parte dos homens que convençionalmente chamamos «entendidos» em assuntos desta natureza.

A angústia arrepiante dos cronistas, parece que se fundamenta em motivos seternados de decadência, em que o público tem sempre responsabilidade, por ser o primeiro a acusar o tóque, retrinando-se para diversões que mais o enfastam e lhe enchem a alma do aneado gozo.

O «público», na sua forma anónima, anda conforme as épocas e os tempos, tendo muito que se lhe diga quando embirra em ser desagradável às pessoas de bom senso... Isto significa, nada mais, nada menos, de que o público é sempre a eterna creança, vogando ao sabor das suas inexplicáveis paixões, indo para onde quer, sem que admita «observâncias», como diria qualquer simpático «mantenedor da ordem».

Por mais que queiram meter-lhe pelos olhos que o teatro de Virginia Vitorino é emotivo e de técnica impecável; que Reynaldo Ferreira, nas suas peças de sabôr histórico e policial, pretende agradar-lhe, procurando no movimento, nos motivos sentimentaes, nos enredos mais estravagantes, misteriosos, extraordinários, etc., a sugestão necessária para o empolgar, dominando-o, não mais o convenço!

No Cinema, são taes as barbaridades que lhe oferecem como prêmio à sua santa paciência em acreditar nas parangónas obscantantes de certos réclames, que, da mesma forma, vai insensibilizando o espírito e, um dia, por mais que lhe apresentem cinema do melhor, com realisações estupendas, formidáveis, (série d'ouro), como se diz na gíria cinematográfica, há-de olhar sempre desconfiado para o deslumbamento dos anúncios e fugir d'elles, como o pobre pacóvio vindo da provincia e que na capital era abordado por um senhor muito distinto, de boas maneiras... e de tão boas maneiras, que todo o oiroinho que o pobre de cristo levava, todo elle, ia parar à algibeira do tal senhor!

Mas hoje, o pacóvio já não vai nisso, já tem os olhos mais abertos...

E assim, o público, irreverente e irraconhecido, como lhe temos ouvido chamar, continuará a encher as plateias dos teatros de revista, operetas ligeiras, variedades, etc., etc., onde se divirta e passe o tempo, sem que tenha que exigir muito talento a quem não blasfeme do ter...

henry

o filme encontra-se á venda em todas as tabacarias desta cidade.

Os leitores, decerto, já repararam em o interesse que desperta uma película de Ramon Novarro, José Mojica, Clark Gable, Charles Rogers e tantos outros, na plateia feminina que frequenta as nossas salas de cinema.

Pois bem. Não é só em Portugal, que se manifesta essa curiosidade; lá fóra, succede, precisamente, o mesmo.

Contudo, as cinéfilas portuguesas, geralmente graciosas e encantadoras raparigas do nosso lindo país, nunca conseguem, ou, pelo menos, não têm conseguido, admirar pessoalmente o seu artista predilecto.

Unicamente, costumam escrever uma carta, pedindo uma fotografia autografada, para, enfim, mitigar paixões, saudades — e até ilusões...

Consta que Ramon Novarro passa, dentro em breve, por Lisboa.

Provavelmente, as suas entusiastas e muitas até apaixonadas (mas só pela fotografia), envidarão todos os esforços, removerão todos os obstáculos, para tentar ver Ramon Novarro.

Ora é, precisamente, aqui, que reside a diferença entre a mulher portuguesa e a estrangeira.

Na América, França, Alemanha e outros países, a chegada ou partida dum artista ou duma vedeta, é um caso vulgar.

Não há a ansiedade, que existe aqui.

A mulher estrangeira não encontra dificuldades: vai vêr, fala, conversa, nada q impede de deslocar-se para onde lhe é preciso.

Mas, a nossa não faz isso; o meio é diferente.

Limita-se a pedir uma fotografia, ou muitas, para colecionar.

O que é vulgar lá fóra, torna-se numa casualidade aqui.

Todavia, já estamos habituados; admiramos filmes de todos os países, se a ocasião se proporcionar, mas da nossa terra só por casualidade, e nem mesmo assim.

Façamos cinema nacional; desse modo, teremos galãs portuguesas, e já a visita dum artista doutra nacionalidade, não despertará no coração da nossa mulher, na sua mente, a ansiedade que ora provoca.

Então esse desejo seu, será satisfeito, mais facilmente, e a cinéfila portuguesa sentir-se-á feliz.

lisboa — maio de 1934.

edmundo ferreira de almeida

A todos os cinéfilos portugueses se impõe o dever de comprar, assinar ou pagar «o filme»!

O filme «Gado Bravo», será estreado no cinema Tivoli.

É possível que o realizador Paul Fêjos, venha a Portugal, dirigir alguns filmes.

Dentro em breve, deve estar organizado um verdadeiro Cine-Clube, em Lisboa, o qual terá logo a sua primeira delegação, em Setúbal.

O mesmo Cine-Clube, tenciona abrir diferentes cursos, sobre técnica cinematográfica geral: operador de tomada de vistas, operador de tomada de sons, técnica do decorador, arte dramática aplicada ao cinema, etc.

Dará aos leitores e assinantes de o filme, vantagens especiais.

Possivelmente, a Tobis, de parceria com uma empresa distribuidora de filmes, de Lisboa, realizará, em breve, uma película de grande metragem.

repórter invisível

block- nots

cine

Recebemos a amável visita do nosso estimado colega Cine, interessante revista cinematográfica e de artes afins, que todas as quintas-feiras se publica em Lisboa, sob a direcção proficiente do jornalista e cineasta, Antonio Fagim.

Os nossos agradecimentos.

augusto martins

Acompanhado do nosso presado amigo e assinante, sr. Manuel Augusto Chumbito, deu-nos, há dias, o prazer da sua visita à nossa Redacção, o sr. Augusto Martins, distinto colega na imprensa cinematográfica, de Lisboa.

Os nossos agradecimentos pela gentileza.

crítica de filmes

A partir do próximo número, o filme iniciará, nas suas colunas, uma secção de critica a todos os filmes que se estreem em Setúbal. E que, sendo este jornal o único da especialidade no país, e tendo nascido em Setúbal, terceira cidade, justo é, portanto, que também façamos critica ás películas aqui exhibidas, porquanto muitos filmes se têm estreado em Setúbal, antes de se projectarem nos ecrans dos cinemas do Porto.

setúbal

Quando da inauguração do porto desta cidade, que ocorreu no dia 20 do próximo pretérito mês, alguns operadores cinematográficos, de Lisboa, filmaram as diversas solenidades que em Setúbal se realizaram, por tal motivo.

Oxalá que resulte um bom documentário; que não seja mais uma *«nórdia»*, como tantas outras que do género temos visto, com o rótulo dos *«cent metros da lei»*.

amadores de cinema

Assinado pelo jornalista sr. Aguinaldo Machado, recebemos um officio do Grupo Unido dos Amadores de Cinema de Portugal, agradecendo-nos as referências feitas em o filme ao referido cine-clube.

Instalações Electricas

de luz e força motriz

Candeeiros dos mais recentes modelos, T. S. F., ferros electricos, etc., em 24 prestações mensaes incluindo a ligação à rede e o depósito.

Pedidos e orçamentos a

CASA E. D'ANDRADE, L.^{DA}

Rua da Padaria, 16-1.º Esq.
LISBOA

Em Setúbal:

RUA ÁLVARO CASTELÕES, 2

Em Palmela:

CARLOS MARTINHO DE SOUSA

Agente da «Empreza Auto-Cars Palmelense»

Paulo Parreira Rocha

Médico

Doenças de boca e dentes

Telefone 493

Travessa do Postiço da Pedra

Setúbal

STÚDIO-CINEMA

FOTOGRAFIA

Executam-se, por artistas de Lisboa, fotografias género americano, iguais ás dos actores de cinema, desde a miniatura ao tamanho natural; processo electrico.

6 retratos-reclame, com brinde, Escudos 10\$00

Instalações na

CASA ÁLVARO PIRES & C.^A

Rua Serpa Pinto, 30 — SETÚBAL

Eduardo Albarran

MÉDICO-CIRURGIÃO

Membro da Sociedade Francesa de Oftalmologia

Doenças dos olhos
Consultas das 16 ás 18 horas

Largo da Misericórdia

TELEFONE 188
SETÚBAL

crónica banal sobre

norma shearer

por miguel manjúa

Quando, há pouco, os meus olhos, ávidos de emoções fortes, palpitantes, enérgicas, contemplaram extasiados a silhueta esguia e donairoza, prehe de rara esbeltaza, da encantadora *estrela* americana Norma Shearer, a iluminar rutilantemente o *écran* dum cinema, eu não pude esconder o contentamento que a minha alma sentiu no decorrer voraz e delicioso desses inesquecíveis momentos —

deixei todos os meus afazeres jornalísticos, apenas para a ir ver brilhar, de novo, na pantalha.

Há! como ela continúa linda, encantadora, como dantes!... O mesmo sorriso, constantemente a brincar-lhe nos lábios tentadores, os mesmos olhos ternos e doces, expressivos e irresistivelmente sedutores — que tudo nos fazem esquecer, ao contemplá-los, embriagando-nos os sentidos...

Ela é a Norma Shearer de anta-



dêsse tão curto período de hora e meia, que fôo quanto durou a projecção do seu lindo filme *Um amor que não morreu*.

Havia muito, já, que eu não tinha o gratíssimo prazer de assistir à passagem na tela dum película de Norma Shearer; do mesmo se queixavam muitos cinéfilos portugueses, seus fieis e entusiásticos admiradores, que tantas e tão fervorosas homenagens renderam ao seu talento e à sua sedutora formosura. E eram sinceras e merecidas essas homenagens dos fãis lusitanos, porque muitos momentos de deliciosa embriaguês lhes proporcionou os belos e aliciantes filmes de Norma! Ninguém os esqueceu, ainda — com certeza!...

Os seus filmes, mantinha-nos semi-estonteados, presos do seu encanto, do misticismo suave queadado docemente no seu rosto banhado de ternura — dir-se-ia, até, de immaculada ingenuidade!...

Com franquesa digo que já sentia avisinharem-se-me profundas saudades da Norma Shearer de outrora — com o receio de que ela não fôsse a mesma de hoje... Por isso, quando os jornais anunciaram o seu reaparecimento nos cinemas de Portugal, imediatamente

nho, de hoje e de sempre... Faz-nos rir e chorar, quando quer, como dantes. Nada lhe falta: talento, mocidade — e os mesmos gestos feiticeros, que nos romantizam, que nos embalam, fazendo-nos escaldar as faces e ferver o sangue nas veias!...

Sou cinéfilo convicto, como sabem todos os que me conhecem. Todavia, o meu amor pelo cinema nunca me arrastou à doença cerebral — nunca me transformou num ridículo maníaco pela Arte das Imagens... Isso, não!

Também não acalentou sonhos ou miragens, piegas ou platónicas, quanto a qualquer das centenas de *estrelas* que formam a infinita constelação que refulge no «ceu cinematográfico» de Hollywood.

Eu encaro o cinema sob um prisma muito diferente do de muitos outros cinéfilos — embora cultos.

Sei porque motivo sou cinéfilo, o que aliás não succede com todos...

Mas, também tenho uma vedeta preferida, que é o meu ídolo. É Norma Shearer; não me envergonha ou deprime dizê-lo — pois não? Norma é a actriz de cinema que mais admiro e adoro!

rádio condés

a conhecida estação emissora de Lisboa, «Rádio Condés» — C.T. 1 E B, com sede na Avenida da Liberdade, 12, referiu-se, no penúltimo sábado, ao nosso jornal. Fôo o sr. Rollin de Macêdo, director da secção literária daquela estação, que se dignou falar de *o filme* ao microfone, nos seguintes termos: *Publica-se em Setúbal um semanário de propaganda cinematográfica, intitulado «O filme», que se apresenta condignamente. Insere, no seu 3.º número, alguns artigos interessantes, como estes: «Karl Dane, o suicida», por Miguel Manjúa, e «Considerações Cinéfilas», por Monteiro Ferreira.*

Esta estação, cujo telefone tem o número 20805, faz emissão nos seguintes dias: Sábados, Domingos e Terças-feiras. Tem secções cinematográfica, teatral e literária, fazendo referência a qualquer publicação destes géneros, desde que lhe sejam enviados dois exemplares de cada número.

Não contesto que hajam (deem haver) artistas com mais belos e mais talento. Mas é que isto de gosto é como os amores — individuais. Quem o fez em mim, muito pouco lhe parece. Não é assim?

E para não dá-se os argumentos injustamente, de *«O filme»*, recebi a franquesa de que se trata de *estrelas* portuguesas de cinema — se acaso alguma não se trate de quem ainda não deu por este mundo — e que ocupa lugar dominante no meu gosto, na minha preferência, e na minha Tereza.

Mas, voltando a Norma Shearer, não sonho com ela, nem a contendo, se assim é possível sonhar. Apenas, como disse, a adorava, admiro imenso — a veneno, pelo seu valor, que em nada se parece com o meu, pela sua elegância das traças e formosura extasiante!

Leram? Pasmaram? Eram? Pois bem: de nenhuma das minhas insensatas e mal alinhavadas palavras, se aproveitou algo. Não me chamem pedante ou quixotesco, por favor. Tudo isto disse a brincar, porque nada tinha que fazer e, para mais, — paradoxo! — estava mal humorado...

Porém, acentuo que, de todo este meu bulfo arrasoado, ressalta, todavia, uma verdade que não quero nem posso desmentir: a grande e sincera admiração que nutro por Norma Shearer — como artista e como mulher!

Como vêem, é o dito por não dito...

E agora, a minha gentil namorada que se morda de inveja ou de ciúme, enquanto eu fico a magoar — noutro processo de a fazer arrelhar!...

o filme, vende-se em Lisboa, no mesmo dia em que se publica, nas principais tabacarias da Baixa.

de teatro

na sociedade capricho
a receita dos lacedemónios

Estes espectáculos de amadores, em que se nota, flagrantemente, a boa vontade de toda a gente querer fazer, logo aos primeiros tempos, aquilo que os artistas fazem durante toda uma vida de sacrifícios e incertezas, tem por vezes, um sabor especial.

Todos julgam que subir ao palco, é subir a uma roseira e colher de lá as mais lindas rosas!

No entanto, quantos espinhos escondem, nas suas hastas, essas lindas flores!

Não é actor quem quer. Por isso, eu admiro e louvo os amadores que, no seu trabalho modesto, se mais não fazem, é porque mais não podem.

Vem tudo isto a propósito dum interessante espectáculo de amadores, que na penúltima quarta-feira teve o prazer de assistir, na sala de diversões da briosa Sociedade Capricho, em que o Grupo Dramático daquela colectividade, fez subir à cena, no seu bonito teatrinho, a hilariante comédia «A Receita dos Lacedemónios».

O desempenho da conhecida peça, agora a cargo dos rapazes da Capricho, teve uma interpretação muito regular e, até, com alguns elementos de destaque.

Temos, por exemplo, o trabalho de Joaquim Silvestre, no caricato *Fortunio Antunes*. Este amador, apresenta-se à vontade, fala e gesticula com segurança, o que não sucede a muitos dos seus colegas.

H. da Silva é outro elemento que se aproveitou. Tem figura, diz bem, acertando nas inflexões e nas atitudes. É de todos o mais natural.

Vincício Cruz, ainda está um pouco tímido. No entanto, se começar a falar mais alto e a desembaraçar-se, desprendendo com segurança as pernas e os braços, talvez que venha a fazer ainda muito boa figura; presença não lhe falta.

Ao contrário do que é costume fazer, muito propositadamente, guardei para o fim, os nomes das interessantes senhoras que tomaram parte neste espectáculo e os reparos que lhes tenho a fazer.

Em primeiro lugar, as minhas palavras são de elogio, pela forma deusas gentil e graciosa, como estas senhoras auxiliam a obra assim difícil, de manter, dentro da Sociedade Capricho, um grupo dramático, que hoje vai tomando vulto, e que, amanhã, será talvez, um dos primeiros sustentáculos daquela casa.

D. Aurora Quintanilha, tem figura; se amanhã falar um pouco mais alto, os seus recursos serão muito notados dentro do grupo.

D. Lucinda Lopes, diz bem, mas não gesticula, e o gesto deve acompanhar sempre a frase, gesto natural, evidentemente, como aqueles que se tem na rua, em casa, em toda a parte.

D. Maria Julieta Rica, uma garota viva e azougada, que, puxada, seria uma actrizinha em qualquer teatro. É um dos elementos com que o grupo pode contar.

D. P. Valido, deixou-nos uma agradável impressão, não pelo que fez, que foi pouco, devido talvez a ter poucos ensaios, mas pelo que viu a fazer.

Está ali uma bela característica de futuro.

D. Maria do Carmo Viegas, muito interessante, num papelinho sem responsabilidades.

Enfim, o desempenho, no conjunto, agradou-me bastante e não dei por mal empregado o tempo que roubei nos meus afazeres nessa noite, para assistir ao espectáculo.

Esta interessante diversão, fechou com um acto de variedades, em que se fizeram ouvir D. Aurora Quintanilha, H. da Silva, Maria Julieta Rica e D. Maria de Lourdes, sendo todos muito aplaudidos.

Henrique Rosa, amador da velha guarda e cuidadoso ensaiador, merece,

o nosso correio

Victor Manuel Santos Júnior — *Beja* — Acusamos recebido o seu bilhete postal, que lhe agradecemos. Não lhe respondemos particularmente, porque nos falta o tempo preciso para tal, pois, a correspondência que diariamente recebemos, é muito avultada.

Mande-nos as fotografias, assim que poder. Quanto à colaboração, escreva-nos o que desejar, pois tudo será publicado, desde que seja de interesse e venha nas condições necessárias.

— Entendidos ?

José dos Santos Stockler — *Faro* — Seguem, para o Amigo, os exemplares que nos pediu.

Não os remetemos à livraria que nos indicou, porquanto V. nos fará o favor de se incumbir de tal missão — se assim entender.

Sobre o artigo que nos mandou, já nos pronunciámos, definitivamente. É praxe deste jornal, não se devolverem os originais aos seus autores, quer sejam ou não publicados. Portanto, resta-nos pedir-lhe, mais uma vez, que nos desculpe.

Dolores Delgado — *Setúbal* — A assinatura mínima de o filme é: série de 10 números, 5\$00.

Não efectuamos, portanto, cobranças de três números. Se V. Ex.^a não desejava assinar o nosso jornal, então devolvia-nos, imediatamente, o primeiro número — para, assim, nos poupar despesas e transtornos.

Tomamos, pois, a liberdade de continuarmos a enviar-lhe o filme, até à saída do número 10. Está de acôrdo ?

Máximo Olegário da Conceição — *Setúbal* — Muito lhe agradecemos a consideração que gentilmente se dignou dispensar-nos. Pedimos-lhe desculpa pelo lapso que involuntariamente, temos cometido. A administração deste jornal, tomou, já, em devida conta o V/ justo reparo, fazendo a rectificação necessária.

Rogério Gomes C. Correia — *Setúbal* — A importância de 5\$00, que o amigo pagou, é referente a uma série de 10 números — e não 3, como supõe. Fica, portanto, desfeito o seu equívoco. Fica feita a rectificação que nos pede, no seu endereço.

Rollin de Macêdo — *Lisboa* — Com muito gosto aceitamos o seu oferecimento para nos representar, em Lisboa. Ficará com um dos nossos redactores, nessa cidade. Queira, pois, fazer-nos a fineza de nos remeter, com a maior urgência que lhe seja possível, duas «fotos» suas, para o bilhete de identidade, que lhe vamos passar.

também, uma referência especial, pois o seu grupo, pode apresentar-se em toda a parte, sem desluzo para ele, nem para a cidade que representa.

alberto fialho

carta do pôrto

por mister w

duas palavras...

Do início a minha modesta colaboração em «o filme», saúdo o seu Director e todos os camaradas que se dedicam à ingrata tarefa do jornalismo cinematográfico, tão mal compreendido pelos leitores do nosso país, oferecendo-lhes todo o meu melhor esforço.

comentando...

Chegarão os primeiros dias de calor, e quasi todas as nossas casas de espectáculos sofrerão com isso.

O público, imediatamente procurou uma distração ao ar livre, divertiu-se sem gastar muito dinheiro e fugiu daquele calor insuportável do cinema.

Aos empresários cabe a máxima culpa, deste ostracismo a que o cinema é votado, na época de verão!

Urge remediar o mal, procurando dar conforto ao espectador, afim de que, na época morta, seja possível manter o cinema como a nossa melhor distração.

Mãos à obra, srs. empresários. Benefícios ao público, são benefícios a vós mesmos!

«ecrans» portugueses

A época cinematográfica no Pôrto, está no apogeu. Aqui são exibidos, a uma, as melhores produções da Sétima Arte.

Esquimó, o filme documental, interpretado por habitantes da Groenlândia, semi-selvagens. *A Casa Rothschild*, estreira que revolucionou os nossos cinéfilos. *O Grito Selvagem*, um novo filme de Edie Cantor. *Rainha Cristina*, filme histórico, onde Greta Garbo nos assombra. *Eu sou Suzana*, película com a encantadora Lilian Harvey.

Só isto, que belo programa para uma época! Mas há mais — que nós, sedentos de prazer, havemos de devorar, com os olhos sempre insatisfeitos.

Eu sou Suzana — É um filme delicioso de Lilian Harvey. É certo que foi realizado em Hollywood — mas desta vez sem a garna americana — e, por isso, merecedor dum maior elogio.

Lilian Harvey, a graciosa vedeta do cinema francês, e que o sonoro fez triunfar, apresenta-se-nos num filme onde as suas qualidades de bailarina estão à prova.

«Os fantoches de Padrega» — as marionetes que diliciaram os cinéfilos parisienses, ainda há pouco tempo — tomam parte importantíssima no filme.

Direi mesmo que, o «clou» de «Eu sou Suzana», está na atracção das marionettes.

Todos os fantoches são criações primorosas da imaginação humana, mas Suzana e o pianista merecem que o público os consagre.

de teatro

no salão recreio do povo
a revista «não estragues!»

A empresa d'este Teatro, apresentou ao público, no passado domingo, 27, a revista local *Não Estragues!*..., autoria de Alberto Fialho, com música de Fernando Athos.

Afirmarmos que a revista de A. Fialho, está isenta de defeitos, não seria uma afirmação sincera, não seria uma crónica imparcial (se crónica lhe posso chamar!). mas sim tentar ou pretender ser agradável ao autor; mas como sabemos, positivamente, que Alberto Fialho, quando escreveu a sua revista, já contava com os prós e contras, eis o motivo porque ouso afirmar que o seu trabalho não está completo.

É muito difícil escrever este género de teatro, porque para o escrever, é necessário pôr à margem a ideia do «melindre» ou o excesso da boa «educação».

O autor da revista *Não estragues!*..., dentro das suas possibilidades de escritor teatral, deixou-nos a impressão de que tem competência para fazer mais e melhor.

A sua revista, não está mal architectada, sob o ponto de vista teatral, mas é pouco alegre e tem falta de vida...

As artistas nem sempre deram o sentido exacto à interpretação do «papel»; falta de confiança n'elles próprios, e abastados de preocupações...

Maria Athos, sabe colorir a frase e diz primorosamente.

Mercedes Gonçalves e Suecia Gonçalves, evidenciaram-se como artistas que o são, neste género de teatro; são duas figuras queridas da nossa plateia.

Amélia Figueira, tem vida e promete; vai muito bem na rábula *costureira*.

António Gomes (da Trindade), devia ter sido um grande artista; hoje é só a tradição — e nada mais.

Artur Marcel, já o vimos fazer melhor. Foi um pouco infeliz nas rábulas que lhe confiaram.

O resto do elenco, faz esforços constantes para acertar... mas, por vezes, não consegue.

A encenação, ao cuidado do mestre Eduardo Raposo, está um pouco atrasada, para o meio como o de Setúbal. Rogério Machado, scenógrafo de valor e de temperamento artístico, mais uma vez mostrou quanto vale.

Enfim, Alberto Fialho apareceu, mostrou o seu valor e há-de continuar a progredir.

Agora, outros que apareçam, são os nossos maiores desejos.

b. da silva

cartaz

Salão Recreio do Povo — Hoje: A revista teatral, de assuntos locais, *Não estragues!*..., autoria de Alberto Fialho. *Soirée* às 21,45. Amanhã: O mesmo espectáculo e à mesma hora.

Cine-Luzia Todi — Hoje: Os 28 dias de *Clarinha*, com Armand Bernard, Mireille, Geamui Guise e Rivers Cadet. *Matinée* às 16,30. *Soirée* às 21,45.

Casino Setubalense — Hoje: *Catarina da Rússia*, com Douglas Fairbanks Júnior e Elisabeth Bergner. *Soirée* às 21,30. Amanhã: *Wally*, com Germana Paolieri, Carlo Ninchi e Achille Maferoni. *Soirée* às 21,45.